

MARY HIGGINS CLARK

NEGRO COMO O MAR

Tradução de
ANA CUNHA RIBEIRO



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2019

Primeiro Dia

O magnífico navio de cruzeiro *Queen Charlotte* estava prestes a zarpar para a sua viagem inaugural do embarcadouro no rio Hudson. Apresentado com a promessa de vir a tornar-se um ícone de luxo, o navio fora comparado ao primeiro *Queen Mary* e ao *Titanic*, que representavam o luxo máximo cem anos antes.

Um a um, os passageiros subiram a bordo, fizeram o *check-in* e foram convidados a entrar para o Salão Principal, onde foram recebidos por empregados de mesa com luvas brancas que lhes ofereciam champanhe. Depois de o último passageiro ter subido a bordo, o comandante Fairfax proferiu um discurso de boas-vindas.

— Prometemos-lhes a mais elegante viagem que alguma vez fizeram ou que virão a fazer — disse ele, com o seu sotaque britânico a conferir ainda mais polimento às suas palavras. — Irão encontrar as vossas suítes mobiladas de acordo com a tradição dos mais magníficos navios de cruzeiro de outrora. O *Queen Charlotte* foi construído para albergar precisamente cem passageiros. Os oitenta e cinco membros do nosso pessoal estão empenhados em servi-los de todas as maneiras possíveis. O entretenimento estará ao nível da Broadway, do Carnegie Hall ou da Metropolitan Opera. Haverá uma vasta seleção de palestras à vossa escolha. Entre os nossos oradores contam-se autores célebres, antigos diplomatas e peritos em Shakespeare e em gemologia. Os melhores *chefs* vindos de todo o mundo procederão a apresentações culinárias «da quinta para a mesa». E nós sabemos bem que viajar num cruzeiro faz sede. Para remediar essa dificuldade, haverá uma série de provas de vinhos conduzidas por *connoisseurs* afamados. Em consonância com

o espírito deste cruzeiro, um dia haverá uma palestra do livro de Emily Post, a lendária especialista em etiqueta do século passado, que nos irá esclarecer a respeito das encantadoras boas maneiras do passado. Estas são apenas algumas das muitas atividades que têm à vossa escolha. Para concluir, as ementas foram preparadas a partir de receitas dos melhores *chefs* do mundo. E agora, uma vez mais, sejam bem-vindos à vossa nova casa dos próximos seis dias. E agora gostaria de apresentar Gregory Morrison, o proprietário do *Queen Charlotte*. A visão dele era que este navio fosse perfeito em todos os pormenores e é por isso que vão apreciar a mais luxuosa experiência de cruzeiro que poderão ter.

Gregory Morrison, um homem robusto, de rosto rosado e cabelo grisalho, avançou.

— Quero dar a todos as boas-vindas a bordo. Hoje concretiza-se um desejo de criança, que teve início há mais de cinquenta anos. Eu seguia ao lado do meu pai, comandante de um rebocador, quando ele guiava os mais magníficos navios de cruzeiro do seu tempo na saída do porto de Nova Iorque. Verdade seja dita, enquanto o meu pai olhava em frente, na direção para onde seguíamos, eu olhava para trás e admirava maravilhado os elegantes cruzeiros que rasgavam as águas do rio Hudson. Já nessa época eu sabia que um dia queria construir um navio ainda mais digno de admiração do que as embarcações que eu admirava há tantos anos. O *Queen Charlotte*, em toda a sua majestade, é a concretização do sonho que eu ousei sonhar. Quer permaneçam connosco ao longo de cinco dias, na viagem até Southampton, ou fiquem na nossa companhia noventa dias, na viagem à volta do mundo, espero que o dia de hoje marque o início de uma experiência que nunca irão esquecer — declarou. Ergueu o copo e disse: — Levantar âncora.

Ouviram-se algumas palmas e a seguir os passageiros viraram-se para a pessoa que se encontrava ao seu lado e começaram a tagarelar. Alvira e Willy Meehan, que comemoravam o quadragésimo quinto aniversário do seu casamento, estavam a gozar a sua considerável fortuna. Antes de ganharem a lotaria, ela limpava casas e ele reparava autoclismos avariados e canos rotos.

Ted Cavanaugh, trinta e quatro anos, aceitou uma taça de champanhe e olhou à sua volta. Reconheceu alguma das pessoas que se

encontravam a bordo, os presidentes da General Electric e do Goldman Sachs e vários casais famosos de Hollywood.

Uma voz ao lado dele perguntou-lhe:

— Por acaso, o senhor terá alguma relação familiar com o embaixador Mark Cavanaugh? É extraordinariamente parecido com ele.

— Tenho, sim — respondeu Ted, a sorrir. — Sou seu filho.

— Eu sabia que não podia estar equivocado. Permita que me apresente. Sou Charles Chillingsworth.

Ted reconheceu o nome do embaixador aposentado que estivera destacado em França.

— Eu e o seu pai desempenhámos juntos funções de adidos quando éramos jovens — disse Chillingsworth. As raparigas da embaixada eram todas apaixonadas pelo seu pai. Eu costumava dizer-lhe que ninguém merecia ser assim tão bem-parecido. Ele desempenhou funções como embaixador no Egito, sob dois presidentes diferentes, tanto quanto me recordo, e mais tarde em Londres, na Court of St. James.

— Precisamente — confirmou Ted. — O meu pai tinha um fascínio pelo Egito. E eu partilho da sua paixão. Passei lá alguns anos enquanto crescia. Depois disso, ele mudou-se para Londres, quando se tornou embaixador da Grã Bretanha.

— Seguiu as pisadas dele?

— Não, eu sou advogado, mas uma boa parte da minha prática profissional é dedicada à recuperação de artefactos que foram roubados dos seus países de origem.

Aquilo que ele não disse foi que tinha embarcado nesta viagem para se encontrar com Lady Emily Haywood e persuadi-la a devolver o famoso colar de esmeraldas de Cleópatra ao seu dono por direito, o povo do Egito.

O professor Henry Longworth apercebeu-se da conversa e debruçou-se na direção dos interlocutores, para conseguir escutar melhor o que ambos diziam, os seus olhos a reluzirem com interesse. Ele tinha sido convidado a embarcar como orador. Reconhecido especialista em Shakespeare, as suas apresentações, que incluíam sempre a interpretação de alguns trechos, nunca deixavam de deliciar as suas audiências. O homem de sessenta e tal anos, de estatura baixa e cabelo a rarear, era um orador solicitado em cruzeiros e em universidades.

Devon Michaelson encontrava-se ligeiramente à parte dos restantes passageiros. Não sentia necessidade nem vontade de se envolver no tipo de conversa de circunstância que resultava inevitavelmente de um primeiro encontro entre estranhos. À semelhança do professor Longworth, também ele estava no início dos sessenta anos e não se destacava nem pela sua estatura, nem pelas suas feições.

Igualmente sozinha, viajava Celia Kilbride, de vinte e oito anos. Alta, com cabelo preto e olhos azuis cor de safira, não reparou, nem daria importância, aos olhares de admiração que lhe eram dirigidos pelos restantes passageiros.

A primeira paragem daquela viagem à volta do mundo seria em Southampton, na Inglaterra. Era aí que ela desembarcaria. Tal como o professor Longworth, era uma das oradoras convidadas a bordo. Como gemóloga, o tema da sua palestra seria a história de joias famosas ao longo dos tempos.

A passageira mais entusiasmada do salão era Anna DeMille, uma divorciada de cinquenta e seis anos, do Kansas, que tinha sido a feliz contemplada com esta viagem ao ganhá-la numa rifa adquirida num sorteio patrocinado pela sua igreja. O cabelo pintado de preto e as sobrancelhas a condizer ofereciam um contraste ousado em relação ao rosto e corpo magros. Aquilo por que rezava era para que esta viagem representasse a oportunidade para conhecer o Homem Certo. E porque não?, perguntou a si mesma. Ganhei a rifa. Talvez este venha a ser o meu ano, finalmente.

Lady Emily Haywood, afamada pela sua fortuna e filantropia, fazia-se acompanhar pelos seus convidados: Brenda Martin, sua assistente pessoal e companheira dos últimos vinte anos; Roger Pearson, que era simultaneamente o seu gestor de investimentos e o executor do seu património, e Yvonne, mulher de Roger.

Quando da sua entrevista a propósito do cruzeiro, Lady Emily afirmara que tinha intenção de trazer consigo o seu lendário colar de esmeraldas de Cleópatra e usá-lo pela primeira vez.

No momento em que começaram a dispersar e a desejar-se mutuamente *bon voyage*, os passageiros do navio não tinham como saber que pelo menos um deles não chegaria a Southampton vivo.

Em vez de se dirigir para o camarote, Celia Kilbride ficou junto ao corrimão do navio, a observar a passagem pela Estátua da Liberdade. O seu tempo de permanência no navio seria inferior a uma semana, mas era o suficiente para escapar da penetrante cobertura jornalística da detenção de Steven na noite do ensaio do casamento, vinte e quatro horas antes do evento. Só tinham mesmo passado quatro semanas?

Estavam a fazer um brinde quando os agentes do FBI tinham entrado na sala de refeições privada do 21 Club. O fotógrafo que estava a fazer a cobertura fotográfica da ocasião tirou uma fotografia do casal e outra em que focava o anel de noivado com um diamante de cinco quilates que ela tinha no dedo.

O atraente, perspicaz e encantador Steven Thorne tinha ludibriado os amigos da sua noiva, levando-os a investir num fundo de risco que se destinava somente a beneficiá-lo e ao seu estilo de vida extravagante. Graças a Deus que o prenderam antes de nos casarmos, pensou Celia, antes de o navio rumar para o Atlântico. Pelo menos, fui poupada a isso.

Tanta coisa na vida é fruto do acaso, pensou ela. Pouco depois da morte do pai, dois anos antes, ela tinha ido a Londres para um seminário de gemologia. Quando a Carruthers Jewelers lhe ofereceu um bilhete de avião para viajar em classe executiva, foi a primeira vez que ela viajou sem ser de camioneta.

Estava ela sentada no seu lugar, na viagem de regresso a Nova Iorque, a beber um copo de vinho oferecido pela companhia, quando um homem impecavelmente vestido guardou a sua pasta no compartimento por cima do banco e sentou-se ao seu lado.

— Chamo-me Steven Thorne — dissera ele, com um sorriso caloroso, ao mesmo tempo que lhe estendia a mão.

Explicou-lhe que estava a regressar de uma conferência financeira. Quando o avião aterrou, já ela tinha aceitado jantar com ele.

Celia abanou a cabeça. Como podia ela, uma gemóloga capaz de encontrar um defeito em qualquer pedra preciosa, ter-se enganado tanto a julgar um ser humano? Inalou profundamente e o maravilhoso aroma do oceano foi inspirado pelos seus pulmões. Vou deixar de pensar no Steven, prometeu a si mesma. Mas era difícil esquecer quantos amigos seus tinham investido dinheiro que não podiam dar-se ao luxo de perder porque ela os tinha apresentado a Steven. Fora sujeita a um interrogatório pelo FBI. Pensava se eles achariam que ela estava envolvida no roubo, apesar de ela própria ter investido o seu dinheiro no esquema.

Tivera a esperança de não conhecer nenhum dos restantes passageiros, mas tinha sido amplamente publicitado que Lady Emily Haywood estaria a bordo. Ela levava regularmente peças da sua vasta coleção de joias à Carruthers da Quinta Avenida, para serem limpas ou reparadas e insistia que Celia verificasse todas elas para a possível existência de riscos ou lascas. Brenda Martin, a sua assistente pessoal, acompanhava-a sempre. E Willy Meehan, o homem que tinha ido à loja comprar uma prenda para a mulher, Alvirah, pelo seu quadragésimo quinto aniversário de casamento, contara-lhe que o casal tinha ganho quarenta milhões de dólares na lotaria. Ela gostara imediatamente dele.

Mas, com tanta gente a bordo, seria fácil ter muito tempo para si própria, à parte das duas palestras e da sessão de esclarecimento que iria oferecer. Tinha sido oradora convidada várias vezes em navios da companhia Castle Line. De todas as vezes, o responsável pelos eventos da área de entretenimento dissera-lhe que os passageiros tinham votado na palestra dela como a mais interessante. Ele ligara-lhe na semana anterior, a convidá-la para substituir um orador que tinha adoecido à última hora.

Poder afastar-se da paixão de alguns amigos e do ressentimento de outros, que tinham perdido dinheiro, era um maná dos céus. Estou tão feliz por estar aqui, pensou, quando se virou e desceu até ao seu camarote.

À semelhança de cada recanto do *Queen Charlotte*, a suíte magnificamente mobilada tinha sido decorada com atenção a todos os pormenores. Era composta por uma sala de estar, um quarto e uma casa de banho. Dispunha de roupeiros espaçosos, ao contrário dos navios mais antigos onde viajara, nos quais as suítes *concierge* tinham metade do tamanho daquela. A porta abria sobre uma varanda onde ela podia sentar-se no exterior quando quisesse sentir a brisa do mar sem estar na companhia de outras pessoas.

Sentia-se tentada em ir já para lá, mas decidiu, em vez disso, desfazer as malas e acomodar-se. A sua primeira palestra era na tarde do dia seguinte e ela queria rever os apontamentos. O tema a apresentar era a história das pedras preciosas raras, começando nas civilizações antigas.

O telemóvel tocou. Atendeu e ouviu uma voz familiar do outro lado da linha. Era Steven. Tinha saído sob fiança antes do julgamento.

— Eu posso explicar, Celia — começou ele por dizer.

Ela pressionou a tecla de fim de chamada e pousou o telemóvel com força. Só ouvir a voz dele fê-la sentir uma onda de embaraço. Consigo detetar o mais ínfimo defeito em qualquer pedra preciosa, pensou de novo, com amargura.

Engoliu o nó que se formara na garganta e limpou com impaciência as lágrimas que tinha nos olhos.

Lady Emily Haywood, conhecida por toda a gente como «Lady Em», encontrava-se sentada com as costas direitas num belíssimo cadeirão na suíte mais cara do navio. Era magra como um passarinho, com uma cabeleira branca muito farta e um rosto enrugado que ainda exibía sinais de beleza. Era fácil imaginá-la como a deslumbrante *prima ballerina* americana que, aos vinte anos, cativara o coração do famoso e abastado explorador inglês Sir Richard Haywood, que contava na época quarenta e seis anos.

Lady Em suspirou e olhou à sua volta. Isto *vale* decididamente o que custa, pensou. Estava sentada no salão da suíte. Tinha uma televisão gigante em cima da lareira, tapetes persas que eram antiguidades, sofás forrados com estofos num tom claro de dourado, um de cada lado da sala, cadeiras que contrastavam entre si, mesas de apoio que eram antiguidades e um bar. A suíte tinha ainda um quarto muito espaçoso e uma casa de banho que incluía uma cabina de duche a vapor e um jacúzi. O chão da casa de banho era aquecido e a parede era adornada por magníficos azulejos de mármore. Quer no quarto, quer no salão, havia portas que abriam para uma varanda privativa. O frigorífico estava cheio de alimentos que ela selecionara.

Lady Em sorriu. Tinha trazido algumas das suas melhores joias para usar no navio. Iam estar a bordo inúmeras celebridades, nesta viagem inaugural, e, como era costume, ela queria ofuscá-las a todas. Quando se inscrevera no cruzeiro, anunciara que, em consonância com o espírito luxuoso do meio em que iria estar inserida, traria consigo e usaria o famoso colar de esmeraldas que se acreditava ter pertencido a

Cleópatra. Após o cruzeiro, tencionava doá-lo ao Instituto Smithsonian. Esta peça não tem preço, pensara, e uma vez que não tenho familiares que me digam alguma coisa, a quem mais havia de deixá-lo? Além disso, o governo egípcio estava a tentar recuperar o colar, alegando que ele provinha de um túmulo que fora saqueado, e que tinha de ser devolvido. Eles e o Smithsonian que lutem entre si, pensou Lady Em. Este é o meu primeiro e o último grito de triunfo com o colar.

A porta do quarto estava ligeiramente aberta e ela ouvia Brenda, a assistente, às voltas lá dentro, enquanto desemalava a arca e as malas que continham a roupa que Lady Em selecionara de entre o seu vasto guarda-roupa. Brenda era a única pessoa autorizada a manusear os pertences pessoais de Lady Em. Mordomos e camareiros, não.

Que faria eu sem ela?, pensou Lady Em. Antes mesmo de *eu* saber que quero ou preciso de alguma coisa, ela antecipa-o! Espero que os vinte anos de dedicação com que me presenteou não lhe tenham custado a oportunidade de ter uma vida própria.

O seu conselheiro financeiro e executor do seu testamento, Roger Pearson, era uma história completamente diferente. Ela tinha convidado Roger e a mulher para a acompanharem no cruzeiro e ansiava sempre pela companhia dele. Conheci-a desde que ele era um rapazi-nho, e o seu avô e o pai tinham sido seus conselheiros financeiros de confiança.

Mas, há uma semana, ela encontrara um velho amigo, Winthrop Hollows, que não via há anos. Tal como ela, também ele fora cliente da empresa de contabilidade de Pearson. Quando lhe perguntou se Roger ainda trabalhava para ela, esse mesmo amigo dissera-lhe:

— Tem atenção, ele não é o homem que o avô ou o pai eram. Eu sugeria que tu pedisses uma auditoria minuciosa às tuas finanças a uma empresa independente.

Quando ela o pressionara para lhe explicar melhor, Winthrop recusara-se a falar mais.

Ouviu passos e a seguir a porta da frente abriu-se. Brenda Martin entrou no salão. Era uma mulher corpulenta, não tanto por ter excesso de peso, mas especialmente por ser musculada. Parecia ter mais do que os seus sessenta anos e usava o cabelo grisalho demasiado curto, o que não a favorecia. O rosto redondo não mostrava sinal algum de

maquilhagem, de que tanto beneficiaria. Aquele mesmo rosto exibia agora uma expressão de preocupação.

— Lady Em — começou por dizer, timidamente —, está a franzir a testa. Passa-se alguma coisa?

Cuidado, disse Lady Em para si mesma, em jeito de advertência. Não quero que ela perceba que estou incomodada por causa do Roger.

— Estou a franzir o sobrolho? — perguntou. — Não faço ideia porquê.

O rosto de Brenda assumiu então uma expressão de alívio profundo.

— Oh, Lady Em — disse. — Fico muito feliz por nada estar a incomodá-la. Quero que aprecie cada momento desta viagem maravilhosa. Ligo a pedir chá?

— Era muito simpático, Brenda — concordou Lady Em. — Tenho grande interesse em assistir à palestra da Celia Kilbride amanhã. É fascinante que uma mulher tão jovem tenha um tão vasto conhecimento sobre pedras preciosas. E acho que lhe vou falar da maldição associada ao colar de Cleópatra.

— Acho que nunca me falou disso — disse Brenda.

Lady Em deu uma risada.

— Cleópatra foi feita prisioneira por Octávio, filho adotivo e herdeiro de César Augusto. Ela sabia que ele planeava levá-la para Roma, como refém, na sua embarcação, e ordenara que ela usasse o colar de esmeraldas durante a viagem. Quando estava prestes a cometer suicídio, Cleópatra ordenou que o colar lhe fosse trazido e lançou-lhe uma maldição. «Quem usar este colar no mar, jamais viverá até chegar a terra.»

— Oh, Lady Em — suspirou Brenda. — Que história terrível. Talvez seja melhor deixar o colar no cofre!

— De maneira alguma — replicou Lady Em, asperamente. — Agora, vamos lá pedir o chá.